



PESQUISA

O adolescer e suas particularidades: conhecimento e percepção de mulheres jovens às mudanças na puberdade e interação no contexto social

Adolescence and its particularities: young women's knowledge and perception of changes in puberty and interaction in the social context

La adolescencia y sus particularidades: conocimiento y percepción de las jóvenes sobre los cambios en la pubertad e interacción en el contexto social

Évelin Santos Oliveira¹, Luciana Thaís Rangel², Marília Santos dos Anjos³

RESUMO

Introdução: a escola é importante ponto de apoio aos jovens na adolescência sendo prevista a orientação sobre sexualidade pelas Leis de Diretrizes e Bases do sistema educacional brasileiro. **Objetivo:** discutir sobre o conhecimento das adolescentes em temas relacionados às mudanças corporais e comportamentais na puberdade e sua percepção no contexto social. **Metodologia:** estudo observacional descritivo realizado com adolescentes do ensino fundamental II e ensino médio em escola pública, Itabuna, Bahia, Brasil. **Resultados:** Participaram do estudo 80 voluntárias, as quais demonstraram pouco conhecimento a respeito do corpo e funcionalidade dos órgãos reprodutivos e relatos sobre a falta de espaços de diálogos. **Conclusões:** o estudo evidenciou que a escola tem um papel fundamental na educação sexual das adolescentes. No entanto, é necessário fornecer ferramentas e treinamento aos educadores para que esse ensino seja eficaz e contemple a diversidade.

Palavras-chave: adolescência; sexualidade; educação sexual.

ABSTRACT

Introduction: the school is an important point of support for young people in adolescence, and guidance on sexuality is provided by the Laws of Guidelines and Bases of the Brazilian educational system. **Objective:** To discuss the knowledge of adolescents on topics related to bodily and behavioral changes at puberty and their perception in the social context. **Methodology:** descriptive observational study carried out with adolescents from elementary school II and high school in a public school, Itabuna, Bahia, Brazil. **Results:** 80 volunteers participated in the study, who demonstrated little knowledge about the body and functionality of reproductive organs and reports about the lack of spaces for dialogue. **Considerations:** The study showed that schools play a fundamental role in the sexual education of adolescents. However, it is necessary to provide tools and training to educators so that this teaching is effective and encompasses diversity.

Keywords: adolescence; sexuality; sex education.

RESUMEN

Introducción: la escuela es un importante punto de apoyo para los jóvenes en la adolescencia, con orientación sobre sexualidad prevista por las Leyes de Directrices y Bases del sistema educativo brasileño. **Objetivo:** Discutir los conocimientos de los adolescentes sobre temas relacionados con los cambios corporales y comportamentales durante la pubertad y su percepción en el contexto social. **Metodología:** estudio observacional descriptivo realizado con adolescentes de la escuela primaria II y secundaria de una escuela pública, Itabuna, Bahía, Brasil. **Resultados:** Participaron del estudio 80 voluntarios, quienes demostraron poco conocimiento sobre el cuerpo y la funcionalidad de los órganos reproductivos y denuncian la falta de espacios de diálogo. **Conclusion:** El estudio demostró que las escuelas juegan un papel fundamental en la educación sexual de los adolescentes. Sin embargo, es necesario brindar herramientas y capacitación a los educadores para que esta enseñanza sea efectiva y abarque la diversidad.

Palabras-clave: adolescência; sexualidad; educación sexual.

¹Doutorado em Imunologia pela Universidade Federal da Bahia. Docente do curso de Medicina da Afya Faculdade de Ciências Médicas de Itabuna. Estado: Bahia, País: Brasil. E-mail: evelin.oliveira@afya.com.br - Orcid <https://orcid.org/0000-0002-4617-5266>

²Mestranda em Saúde da Família pelo Centro Universitário Uninovafapi. Docente do Curso de Medicina da Afya Faculdade de Ciências Médicas. Bahia, Brasil. E-mail: luthaisrs@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6137-2228>

³Doutorado em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia. Professor de enfermagem da Universidade Estadual de Santa Cruz. Estado: Bahia, País: Brasil. E-mail: msanjos@uesc.br - Orcid <https://orcid.org/0000-0002-9942-7869>

INTRODUÇÃO

O “ser adolescente” é uma etapa complexa e transformadora. O ciclo vital humano é composto por fases: como a infância que abrange o período gestacional (da concepção ao nascimento), primeira infância (0 a 3 anos), segunda infância (3 aos 6 anos) e terceira infância (06 aos 10 anos); adolescência, dividida em adolescência inicial (10 aos 13 anos), adolescência média (14 aos 16 anos) e adolescência final (17 aos 19 anos); a adultez, direcionada ao jovem maduro (20 até 59 anos) e por fim, a velhice (acima de 60 anos) (Habigzang, 2014; PAHO, 2024; Papalia *et al.*, 2013).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a adolescência é definida como um período biológico, psicológico e social compreendido entre os 10 aos 19 anos e o mesmo critério cronológico é adotado pelo Ministério da Saúde no Brasil (BRASIL, 2018; OMS, 2022). Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019 apontam que o Brasil possui uma população de mais de 210 milhões de pessoas, 53.759.457 têm menos de 18 anos (UNICEF, 2022). Mais da metade das crianças e adolescentes no Brasil são afrodescendentes. Esses indivíduos fazem parte da população que necessita que seus direitos e deveres sejam respeitados e que possam ter condições de exercer todo seu potencial.

As legislações brasileiras que versam sobre os cuidados, direitos das crianças e adolescentes e proteção da infância e dos jovens fazem parte das mais avançadas no mundo (BRASIL, 2018), porém na prática muitos direitos como acesso à educação, qualidade de vida e bem-estar não fazem parte da rotina de muitos jovens e, portanto adotar políticas públicas voltadas a combater as desigualdades geográficas, econômicas, sociais e étnicas no país, deve ser

prioridade para salvaguardar a saúde física e emocional dos jovens e crianças.

As mudanças biológicas, comportamentais, sociais e emocionais no período da puberdade são visíveis e essas alterações vão desde mudanças corporais a psicossociais. Num momento de tantas vicissitudes, ter uma rede de apoio e locais de segurança para os jovens é fundamental para auxiliá-los nessa etapa do desenvolvimento. Tratar a adolescência sob uma visão biológica, relacionada a fatores hormonais ou início da fase sexualmente ativa pode significar desconsiderar todo o ambiente cultural e social que está imerso no desenvolvimento do adolescente (Baroncelli, 2012). Além disso, a fase da adolescência ainda é envolvida por uma série de estereótipos e estigmas que estão relacionados com conflitos com os pais, mães e/ou responsáveis, liberação para prática sexual e desequilíbrios e instabilidade emocional. O ambiente escolar pode ser o ponto de apoio nessa transição e complementar com informações seguras e direcionadas a cada indivíduo diálogos acerca das indagações do púrbere.

A adolescência não precisa ser um período turbulento, pode ser uma transição livre de estresse e uma experiência enriquecedora para a vida adulta. Isso não significa que este desenvolvimento com as práticas sociais e processos de aprendizagem sejam livres de conflitos (Baroncelli, 2012).

Nesse contexto é considerável refletir sobre a importância de abordar a educação sexual nas escolas como orientação das Leis de Diretrizes e Bases (LDB) do sistema educacional brasileiro. A Educação Sexual deve fazer parte do currículo escolar, trata-se de uma discussão com respaldo legal, mas que não visa substituir ou violar valores da família (Souza, 2020). A educação sexual é entendida muitas vezes por parte dos responsáveis como forma de “ensinar a prática sexual aos adolescentes”, e a ignorância pode levar este jovem a iniciar vida sexual com a

gravidez não planejada, infecção por agentes transmitidos pelo ato sexual ou experiências traumáticas que afetam o comportamento da jovem.

O presente projeto é de suma importância para a comunidade visando às mulheres jovens no seu momento de transição, o que para muitos, deixar a infância e entrar na adolescência pode trazer dúvidas e receio do novo. Para isso, um corpo acadêmico no âmbito escolar preparado e estimulado a trocar informações e vivências com as estudantes que passam por essa transição favorece o conhecimento para viver essa fase da vida. Objetiva-se, portanto, descrever o conhecimento das adolescentes acerca de temas relacionados à fisiopatologia do aparelho reprodutivo feminino e mudanças provenientes da puberdade, mais especificamente, discutir sobre a percepção das jovens em temas relacionados ao seu contexto social.

MÉTODO

Trata-se de um estudo observacional descritivo, quantitativo e transversal realizado com mulheres adolescentes do oitavo e nono ano do ensino fundamental II e do primeiro ao terceiro ano do ensino médio em uma escola pública na zona urbana na cidade de Itabuna, Bahia, Brasil, entre os meses de agosto até outubro de 2023.

O recorte etário de a população estudada ser entre 10 a 19 anos seguiu a definição da Organização Panamericana de Saúde (PAHO) pertencente à Organização Mundial da Saúde (OMS) para a Adolescência que reconhece como adolescência o intervalo entre 10 e 19 anos (PAHO, 2024).

Foram critérios de inclusão ser autoidentificada como mulher, do colégio selecionado para o estudo, ter entre 12 a 19 anos e como critérios de exclusão, não ter aceito participar do estudo e/ou não ter o consentimento do responsável.

DOI 10.29327/2393773.17.2-3

Rev. Interd. v.17, n.º 2, 2024.

O adolescer e suas particularidades...

O estudo foi dividido em três etapas: A primeira etapa utilizou-se questionário sociodemográfico para caracterização da amostra como idade, sexo, cor/etnia, se possui necessidades especiais, responsabilidade financeira, estado civil, emprego. Na segunda etapa, foi apresentado um questionário com questões referentes ao conhecimento do corpo e ciclo ovariano. A terceira etapa com perguntas referentes a gênero e sociedade. Os questionários semiestruturados foram compostos por questões de múltiplas escolhas, questões subjetivas e de escolha única, sempre com a opção de outra resposta, caso a sentença não contemplasse a escolha da voluntária. Dentre as questões abordadas estão: conhecimento sobre as estruturas do corpo feminino, menarca e conceito da menstruação e período fértil e problemas associados ao aparelho reprodutivo feminino, como endometriose e cisto no ovário. Em relação às perguntas sobre gênero e sexualidade, os tópicos versaram sobre identificação de gênero, sociedade e a mulher, incluindo perguntas sobre preconceito e racismo.

Aceitaram participar do estudo e com a autorização dos responsáveis, 80 voluntárias. Mesmo com aceite em participar do estudo, as voluntárias tiveram a escolha de responder ou não os questionários e por isso, em algumas análises não se contempla o número total das participantes. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves - UNIPTAN com parecer nº 6.025.996 e cumpriu com o estabelecido pela Resolução 466/2012, referente à Pesquisa com Seres Humanos (BRASIL, 2012).

As análises estatísticas utilizadas foram com frequência absoluta e relativa.

RESULTADOS

A população alvo foi constituída de 120 mulheres adolescentes do colégio público, nas quais, 80 aceitaram participar do estudo, bem como os responsáveis autorizaram a sua participação. Destas, uma foi excluída por ter 22 anos e doze voluntárias por não responderem a nenhuma pergunta do questionário. Ao final, tivemos 67 voluntárias.

Os resultados do perfil socioeconômico e relacionados ao conhecimento do corpo e a percepção da mulher na sociedade das adolescentes estudadas foram analisados e apresentados a seguir.

1ª Etapa: Caracterização socioeconômica da população de mulheres jovens participantes do estudo

A autorreferência quanto o quesito cor/etnia, mostrou que a maioria das voluntárias são pardas (44,9%) e pretas (32,7%), seguido por brancas (18,4%) (Tabela 1).

A média de idade da população estudada foi de 17,19 anos (12 - 19 anos). Por se tratar de adolescentes, optou-se por avaliar além do estado civil, também o tipo de relacionamento das jovens. Destas, 34,7% já teve experiência de namoro e está solteira; 28,6% está namorando no momento do estudo (a) e 28,6% nunca namorou (Tabela 1). Uma adolescente de 17 anos referiu que está casada, a mesma tem um filho.

As mães são as que mais foram relatadas como responsáveis financeiramente pela casa (47%), seguido pelo pai (28,6%) ou ambos (18,4%). Duas voluntárias têm filhos, uma de 19 anos e a outra, citada anteriormente, com 17 anos. Além do estudo, 34,7% confirmaram que trabalham e as atividades referidas foram: atendente em lojas no comércio, cuidadora (babá), estagiária e monitora escolar (Tabela 1).

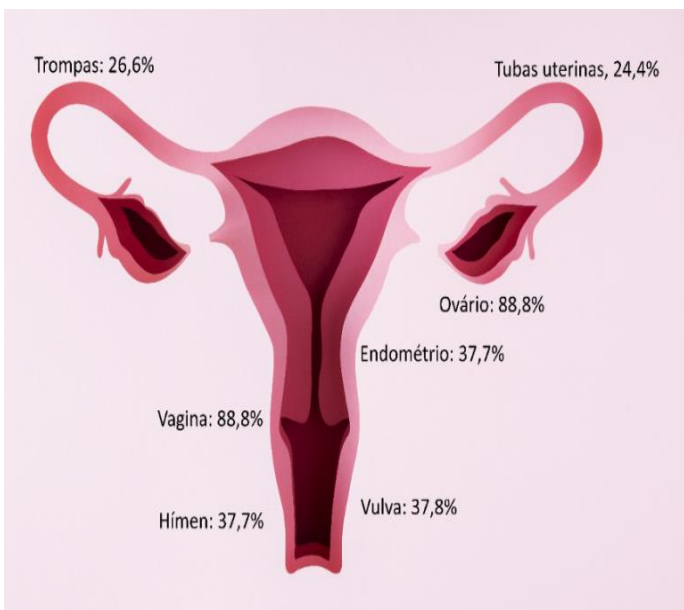
Tabela 1. Características socioeconômicas das adolescentes de um colégio estadual público de Itabuna, Bahia, Brasil (n=49).

Características	n	%
Cor/etnia		
Asiática	1	2,0
Branca	9	18,4
Indígena	1	2,0
Parda	22	44,9
Preta	16	32,7
Outra. Qual?	0	0,0
Total	49	100,0
Relacionamentos/estado civil		
Nunca namorou	14	28,6
Já namorou, mas está solteira	17	34,7
Tem namorado (a)	14	28,6
Casada	1	2,0
Divorciada	0	0,0
Outra resposta	0	0,0
Não respondeu	3	6,1
Total	49	100,0
Responsável financeiramente pelo lar		
Mãe	23	47,0
Pai	14	28,6
Ambos, mãe e pai	9	18,4
Avô ou avó	2	4,0
Outra resposta: namorado	1	2,0
Não respondeu	0	0,0
Total	49	100,0
Tem filho (a) ou filhos (as)?		
Sim	2	4,0
Não	47	96,0
Total	49	100,0
Trabalha?		
Sim	17	34,7
Não	32	65,3
Total	49	100,0
Qual atividade exerce no trabalho?		
Atendente em loja (comércio)	5	29,4
Serviço de cuidadora (babá)	2	11,8
Estagiária	1	5,9
Monitora escolar	3	17,6
Não respondeu	6	35,3
Total	17	100,0

2ª Etapa: Conhecimento das adolescentes acerca do sistema reprodutor feminino, ciclo menstrual e alterações que afetam órgãos reprodutivos.

A segunda parte do estudo abordou-se o conhecimento das adolescentes em relação ao corpo feminino e sobre o período menstrual. Foi questionado se as jovens conheciam os termos referentes a locais do aparelho reprodutivo feminino, mas sem a representação por imagem ou desenhos. Os ovários (88%) e a vagina (88%) foram os mais citados, seguido por endométrio, vulva e hímen (Figura 1). O termo trompas de Falópio vem sendo substituído por tubas uterinas, e por isso, foram colocados ambos os termos. Porém, foram os locais menos conhecidos das voluntárias (Figura 1).

Figura 1. Percentual das respostas sobre conhecimento das adolescentes em relação às estruturas do aparelho reprodutivo feminino (n=45).



A primeira parte foi apresentada apenas o nome da estrutura e marcação sobre o conhecimento das estruturas do aparelho reprodutivo feminino. Na segunda parte da dinâmica, a imagem foi apresentada e solicitado que informasse o local de cada estrutura citada anteriormente. Das 19 voluntárias que participaram da dinâmica, 68,4% erraram ao indicar onde seria o útero e o endométrio na imagem apresentada e cerca de 58%, erraram ao sinalizar onde seria a vagina. Todas identificaram corretamente a localização do ovário e 63% indicaram corretamente as tubas uterinas (Tabela 2).

Tabela 2. Identificação do local referente às regiões do aparelho reprodutivo feminino com visualização da imagem realizado pelas adolescentes do colégio público estadual de Itabuna, Bahia, Brasil (n=19).

Região	Acertos	%	Erros	%
Útero	6	31,6	13	68,4
Vagina	8	42,1	11	57,9
Endométrio	6	31,6	13	68,4
Ovário	19	100,0	0	0,0
Trompas ou Tuba uterina	12	63,2	7	36,8

O adolescer e suas particularidades...

Em relação à menarca, todas as voluntárias já tiveram a experiência da primeira menstruação com média de 12,66 anos (10 - 18 anos). Quando questionado o que era a menstruação, 15 adolescentes (n=45), apresentaram conceitos corretos em relação a menstruação, informando sobre as mudanças hormonais, corporais ou comportamentais, descamação do tecido do útero, liberação do óvulo não fecundado e preparo para uma possível gravidez.

Três sinalizaram os desconfortos causados pelo período, como dores, estresse, enjoos e tontura. Duas informaram que a menstruação é para avisar que a mulher não está grávida. E as demais não responderam ou as respostas foram evasivas, como por exemplo: “é apenas um ciclo” ou “um sangramento todo mês”. Em relação ao calendário menstrual, 60% afirmaram que não sabiam como fazer, 36% entendem como fazer o calendário e identificar quando iriam menstruar e o período da ovulação e 4% não responderam. Das dezesseis jovens que afirmaram conhecer o calendário menstrual, sete utilizam aplicativos e informaram que não sabem explicar como ocorre o período menstrual. Sobre o período fértil (n=45), 32 (71,1%) voluntárias afirmaram conhecer o que é o período fértil, 2 (4,5%) desconhecem e 11 (24,4%) não responderam a essa pergunta.

As mudanças no período menstrual mais citadas pelas voluntárias foram: mudanças corporais (aumento dos seios, nádegas, pernas e crescimento dos pelos), alterações do humor e desconfortos como dores de cabeça, nas pernas, enjoo, tonturas e cólicas.

Para 36 estudantes (n=45), as primeiras informações acerca da menstruação foram através de conversas com conhecidos, como mães, irmãs, avós ou amigas. Uma relatou que foi por pesquisa em internet, uma através de livros e outra relatou que foi na sala de aula. As demais não responderam.

Das adolescentes avaliadas, 55% relataram não ter cisto no ovário, mas conhecem

a condição que atinge muitas mulheres, principalmente na fase reprodutiva. Cerca de 20%, não conhece e 4% já teve ou tem, no momento do estudo. Quando questionado sobre endometriose, a quantidade de adolescentes que não conhece a condição foi maior (35%), e 37% conhece o que é endometriose, mas não tem (Tabela 3).

Tabela 3. Conhecimento sobre alterações patológicas no sistema reprodutivo feminino dentre adolescentes de uma escola pública estadual na cidade de Itabuna, Bahia, Brasil (n=45).

Tem cisto no ovário?	n	%
Não tenho e não sei o que é cisto no ovário	11	24,4
Não tenho, mas conheço o que é cisto no ovário	25	55,6
Sim, tenho ou já tive	2	4,4
Não respondeu	7	15,6
Outra situação	0	0,0
Total	45	100,0
Tem endometriose?	n	%
Não tenho e não sei o que é endometriose	16	35,5
Não tenho, mas conheço o que é endometriose	17	37,8
Sim, tenho ou já tive	0	0,0
Não respondeu	12	26,7
Outra situação	0	0,0
Total	45	100,0

3ª etapa: A mulher e seu contexto na sociedade

No contexto sobre identidade de gênero, a pergunta norteadora foi “Como você se define quanto à identidade de gênero?”. Das estudantes participantes dessa parte do estudo (n=48), 39 (82%) responderam que são Cisgênero (Identidade de gênero corresponde a que foi atribuída no nascimento), 1 (2%) se auto identifica como Transgênero (Identidade de gênero oposta ao sexo biológico) e 4 (8%) como não binário (Identidade de gênero não estabelecida). Destas, 4 alunas (8%) não responderam à pergunta. Os conceitos dos termos mostrados entre parênteses foram apresentados como opções de resposta, além da alternativa “Outra resposta”. Qual? ”, caso nenhuma resposta representasse a voluntária. Essa alternativa não foi marcada.

Quando questionadas se meninos e meninas são tratados da mesma forma na escola, as estudantes informaram sobre alguns aspectos que diferenciam nesse tratamento: DOI 10.29327/2393773.17.2-3
Rev. Interd. v.17, n.º 2, 2024.

O adolescer e suas particularidades... exemplificando que há diferenças na roupa e/ou fardamento, citaram que os homens têm mais liberdade e relataram que alguns meninos não querem que as meninas participem de esportes, a exemplo, o futebol. Além disso, citaram que existem comportamentos que os meninos fazem e as meninas não podem fazer, mas não foi exemplificado quais seriam esses comportamentos.

Quanto a orientação sexual, para 17 (35,4%) das estudantes (n=48), a homossexualidade é de origem genética, 15 (31,3%) disseram que é uma escolha do indivíduo, 10 (20,8%) acreditam que é algo aprendido e 6 (6,2%) não souberam opinar ou não responderam. Na parte subjetiva em que as voluntárias puderam expor comentários, as observações foram:

Comentário 1. “A homossexualidade é quando a pessoa sente um desejo incontrolável e faz tudo para ser feliz, independente de acharem certo ou errado”.

Comentário 2: Citação bíblica Levítico 18:22. “Eu sou o Senhor. 22 Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é”.

Comentário 3. “ É algo involuntário. Não é escolha, nem aprendido e muito menos genético”.

Quando questionado se educação sexual deve ser discutida na escola, 41 (85,4%) concordaram que deve ser discutido no âmbito escolar, 5 (10,4%) acreditam que não. Duas alunas (4,2%) não souberam responder ou não opinaram. Das 48 adolescentes, 39 informaram que já sentiram sentimentos de paixão ou amor por alguém. Destas, 29 (60,4%) se apaixonaram por meninos, 5 (10,4%) se apaixonaram por meninas e 7 (14,6%) por meninos e por meninas. As demais não responderam (7 voluntárias, 14,6%).

Nove estudantes entre pretas e pardas informaram ter sofrido preconceito e racismo no ambiente escolar. Quando questionado sobre as condições do fato ocorrido, as citações foram em relação ao cabelo, sobre a cor da pele e uma

alegrou que não se sentia confortável em lembrar o fato e por isso, não poderia descrevê-lo.

Sobre a satisfação quanto ao próprio corpo, 26 (54,2%) estão satisfeitas com o próprio corpo, 13 (27,1%) não estão satisfeitas e as demais não responderam ou não souberam opinar (9 voluntárias; 18,7%). Ao serem questionadas o que mudaria, seis participantes informaram que mudariam todo o corpo. Outras dez estudantes referiram algumas regiões específicas, como abdômen, mudaria o peso, seios, dentes, os cabelos, não ter pelos pelo corpo ou até a cor dos olhos.

Sobre a percepção das voluntárias da diferença entre as mulheres de antigamente comparadas com as mulheres dos tempos atuais, a maioria acredita que a mulher de hoje tem mais liberdade (n=13). Nove sinalizaram outras diferenças, como o fato de terem mais conquistas, evolução social, mais informações/conhecimentos e serem mais comunicativas.

DISCUSSÃO

O estudo teve como população alvo mulheres adolescentes de uma escola pública do município de Itabuna, Bahia, Brasil. Na população avaliada, a maioria se autodeclarou parda ou preta, seguidas por jovens brancas. Pela primeira vez, desde 1991, os dados do último censo (2022) mostraram que a maior parte da população brasileira se declarou como parda (45,3%), o equivalente a cerca de 92 milhões de pessoas. As pretas foram 10,2% e as brancas, 43,5%. No Nordeste, observou-se o maior percentual de pessoas pretas (BRASIL, 2024).

A média da idade das jovens analisadas no estudo foi de 17 anos. A maioria já teve uma experiência amorosa, com relacionamento descrito como namoro. Dentre as adolescentes, nenhuma relatou estar grávida no momento do estudo e duas jovens têm filhos. O conhecimento sobre prevenção da gravidez, de infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e o DOI 10.29327/2393773.17.2-3 Rev. Interd. v.17, n.º 2, 2024.

O adolecer e suas particularidades... planejamento familiar, participado no ambiente escolar ou familiar pode auxiliar na formação e desenvolvimento do jovem para a responsabilidade de uma maternidade ou paternidade. Pesquisas indicam danos psicossociais, econômicos e sociais decorrentes de gravidez na adolescência, sem planejamento, o que pode ocasionar abandono escolar, principalmente das mulheres jovens (Miuda *et al.*, 2003; Pires *et al.*, 2015). Além disso, algumas meninas não conseguem retornar para a escola e permanecem em atividades laborais subqualificadas e de baixa remuneração. A falta de profissionalização é acentuada devido, muitas vezes, à sobrecarga do acompanhamento da criança com falta de creches, rede de apoio e condições financeiras que permitam melhorar a qualificação da genetriz (Andrade *et al.*, 2015; Miuda *et al.*, 2003). Outras causas não inerentes à gestação na adolescência podem ser fator para evasão escolar e pode estar atrelada às situações de violência intrafamiliar (Andrade *et al.*, 2015; Miura *et al.*, 2020).

Quando a família acolhe essa jovem que engravidou, o suporte familiar e social pode direcionar para um futuro mais promissor para a adolescente desenvolver a maternagem aliada ao retorno dos estudos e à vida social (Quaresma, 2016; Miura *et al.*, 2023).

Informações sobre planejamento pessoal, conhecimento sobre o corpo e a sua participação na sociedade são temas que podem ser trabalhados no ambiente escolar e que por vezes, a ausência do diálogo no ambiente familiar não prepara as adolescentes para o desenvolvimento sadio da puberdade e fase adulta.

Os resultados encontrados neste estudo sobre o conhecimento das jovens em relação ao sistema reprodutivo feminino são preocupantes. Ao serem questionadas se conheciam locais como tubas uterinas ou trompas de falópio, como era conhecido anteriormente, poucas jovens afirmaram conhecer a estrutura. Semelhante para regiões como hímen, vulva e endométrio. A maioria assegurou conhecer a vagina e os ovários.

Desconhecer a estrutura do sistema reprodutivo feminino pode refletir na falta de compreensão das funcionalidades dos órgãos que compõem o corpo feminino em questões relacionadas ao período menstrual, alterações fisiológicas e até patológicas.

Muitas dessas informações acerca da função dos órgãos do corpo humano não são direcionadas no lar, nem no ambiente entre amigos. Essas informações são melhores direcionadas e aplicadas de forma apropriada na escola, com as orientações e resoluções das dúvidas que auxiliem no desenvolvimento adequado e significativo na vida dessas jovens mulheres.

Isso se reflete nas respostas evasivas quando foi questionado o que era a menstruação. De fato, o não conhecimento das regiões do sistema reprodutivo feminino leva a ausência do entendimento do que acontece no período menstrual. Algumas jovens até conheciam que na menstruação ocorria a descamação do endométrio, mas na hora de identificar, não sabiam localizar o endométrio na imagem representada do útero. Outras relacionaram a menstruação como um aviso de não estar grávida. O calendário menstrual é obtido pela maioria das entrevistadas através de aplicativos de celulares que informam quando irá ocorrer a próxima menstruação. Poucas sabem como é o ciclo ovariano e as mudanças que ocorrem no período da ovulação. Porém, observou-se que as sensações que as jovens apresentam no período menstrual foi mais significativo ao abordar o tema. Um exemplo, foram os relatos sendo quase que unânime as descrições acerca das alterações que ocorrem quando estão menstruadas, como explanação sobre as dores, as modificações corporais e/ou emocionais.

O que chama a atenção, é que mesmo em épocas de tecnologias que favorecem as informações pelos aparelhos eletrônicos, a maioria das jovens ainda se sentem mais à vontade em questionar sobre a menstruação com parentes próximos, como mães, tias ou avós.

A mulher e seu contexto na sociedade

A Identidade de gênero é uma expressão que não é compreendida ainda por algumas pessoas e passa a ser construída com o sentimento da continuidade de existir e na adolescência, ela se confirma (Chiland, 2014). Em alguns sujeitos, as mudanças pubertárias podem desencadear uma verdadeira crise no seu desenvolvimento psicológico. Já na infância, o não reconhecimento do gênero biológico já causa em algumas pessoas infelicidade e inquietude, aliado à falta de maturidade em lidar com as pressões da família e da sociedade em fazer parte de um corpo ao qual não se vê pertencido nele (Chiland, 2014). Nesse processo de construção das identidades, a interação com o ambiente social passa a ter um importante papel na construção desse indivíduo por permitir a sua autoidentificação como feminino, masculino ou outra designação que assim se sinta mais à vontade de se reconhecer (Diamond, 2002; Louro, 2007; Bordini *et al.*, 2012).

No presente estudo, foram colocadas ao lado das alternativas a explicação de cada termo relacionado a identificação de gênero, para que as voluntárias pudessem ter a sua própria avaliação e como deseja ser identificada. A maioria se identificou como “cisgênero”, ou seja, a identidade de gênero corresponde a que foi atribuída no nascimento. Mas, houve a identificação como “transgênero” (identidade de gênero oposta ao sexo biológico) e não binário (identidade de gênero não estabelecida).

O início da puberdade, pode agravar as situações em que os jovens não se reconhecem no corpo que lhe é apresentado, pois com os hormônios sexuais que favorecem as mudanças físicas, as transformações fisiológicas, por vezes, os aprisionam num sentimento de não pertencimento e não aceitação. Muitas vezes, não verbalizado, mas mostrado por atitudes e ações que modificam o estado de saúde e bem-estar do pubescente.

Por vezes, crianças e adolescentes isoladas, solitárias e com histórico de baixo

Oliveira; Rangel; Anjos, (2024)

rendimento escolar podem estar passando por inquietudes e não se sentem confortáveis em abordar o assunto com familiares, professores e/ou amigos (Chiland, 2014). Russo e colaboradores (2014) alertam para os casos de violência psicológica vivenciada por muitos adolescentes que se sentem oprimidos e sem espaço para dialogar e por vezes aparece interligada por outros tipos de violência, com difícil identificação, visto que não deixa marcas físicas, mas podem afetar a saúde mental do jovem. A violência psicológica vivenciada por alguns adolescentes é descrita como qualquer ação ou omissão que ocasione em prejuízo a saúde e no desenvolvimento psicológico do sujeito e são descritas como: ofensas constantes, constrangimentos, privação de recursos, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem e/ou rejeição (Russo *et al.*, 2014; Carvalho *et al.*, 2019).

Esses tipos de violência podem ser causados tanto no ambiente escolar como intrafamiliar, e nos casos do lar do adolescente, muitas vezes é naturalizada quando na nossa cultura, é entendida como a construção na educação daquele indivíduo e por vezes é silenciada e sob influência da autoridade patriarcal (Bidarra, 2008).

Quanto a orientação sexual, a maioria das voluntárias informaram que a homossexualidade é de origem genética, outras informaram que é uma escolha das pessoas e ainda há aquelas que consideram que a homossexualidade é algo que é aprendido. Alguns comentários foram considerados nesses estudos e aqui transcritos:

Comentário 1: “A homossexualidade é quando a pessoa sente um desejo incontrolável e faz tudo para ser feliz, independente de acharem certo ou não”. Essa voluntária tem 19 anos, mulher parda e declarou-se como bissexual. Nas questões relacionadas ao conhecimento do sistema reprodutivo feminino, mostrou conhecer as regiões que compõem o aparelho reprodutivo feminino e descreveu corretamente o ciclo menstrual. Nas questões subjetivas, declarou que DOI 10.29327/2393773.17.2-3
Rev. Interd. v.17, n.º 2, 2024.

O adolescer e suas particularidades... foi invalidada pela família, já sofreu racismo e na infância foi chamada de espantalho por causa do cabelo crespo. Afirmou ser Pessoa com Deficiência (PCD) por ser diagnosticada com a síndrome de Borderlaine (SIC).

Comentário 2: a voluntária fez a citação na resposta sobre homossexualidade da passagem bíblica Levítico 18:22, a qual diz “Com homens não te deitarás, como se fosse mulher, abominação é”. Essa voluntária tem 19 anos, mulher preta e declarou-se heterossexual. Nas questões relacionadas ao conhecimento do sistema reprodutivo feminino, desconhece parte das estruturas do corpo feminino.

Butler (1990) foi enfático na sua publicação ao discorrer “que a distinção entre os sexos era puramente social, inventada como suporte para prescrições normativas de gênero, a inferiorização da mulher e a perseguição aos homossexuais” e o mesmo autor, catorze anos depois, diz que é preciso suprimir o que se refere a gênero, pois torna a vida intolerável para algumas pessoas (Bultler, 2004).

O assunto é realmente sensível e com muitas lacunas, e os tabus e falta de conhecimento na realidade brasileira, pode desfavorecer os espaços de diálogos e discussões tão necessários para que ocorra os entendimentos acerca da sexualidade. Nem sempre os termos e conceitos serão aceitos por todos, mas entender as diversas perspectivas pode, pelo menos, auxiliar no respeito às diferenças de atitudes, ações e ideologias.

No período da adolescência, lher dar com as mudanças hormonais e comportamentais torna-se um desafio para muitas jovens. Muitas vezes, o contexto social em que elas estão pode afetar seu estado emocional e psicológico. As pressões sociais em relação ao corpo e cabelos podem afetar seu desenvolvimento e relacionamento social, principalmente nas mulheres negras (Garreto, *et al.*, 2023).

Essa não aceitação também foi percebida nas jovens que participaram deste estudo, visto que parte delas não estão satisfeitas com o corpo

e algumas relataram que mudariam toda a compleição física. Os diálogos no ambiente escolar também devem abordar a necessidade e importância do respeito ao outro e ressaltar como a diversidade pode promover relações saudáveis.

O papel da escola como espaços de diálogos e conhecimento sobre sexualidade na adolescência

A escola muitas vezes não permite ser um ambiente social e educacional que atenda as demandas emocionais das adolescentes. A cobrança quanto à carga horária, a falta de suporte aos profissionais que atuam na educação no contexto educativo nos faz refletir sobre como os educadores terão suporte para contribuir com as demandas dos alunos. Muitas vezes, fica voltado para o quantitativo de notas e alguns projetos que mobilizem os alunos para algumas temáticas em torno do ano de estudo. A atenção individualizada torna-se difícil para o profissional da educação nesse sistema que hoje está estabelecido e que oferece pouco suporte físico, emocional e psíquico (Miura *et al.*, 2023).

Torna-se inescusável a reflexão sobre a importância do ambiente escolar na promoção de espaços nos quais os adolescentes sintam-se confortáveis em abordar assuntos que precisam de esclarecimentos, momentos de diálogo e de acolhimento, sobre temas referentes à sexualidade. A educação sexual é entendida muitas vezes por parte dos responsáveis como forma de “ensinar a prática sexual aos adolescentes”, e a ignorância pode levar este jovem a iniciar vida sexual com uma gestação não planejada, infecção por agentes transmitidos pelo ato sexual ou experiências traumáticas que afetam o comportamento da jovem.

Porém, é importante refletir sobre o debate da educação sexual nas escolas como orientação das Leis de Diretrizes e Bases (LDB) do sistema educacional brasileiro. A Educação Sexual deve fazer parte do currículo escolar, trata-se de uma discussão com respaldo legal, mas que não

O adolescer e suas particularidades... visa substituir ou violar valores da família (Souza, 2020).

Muitos pais e mães e outros responsáveis equivocam-se por achar que o acesso fácil as informações através da internet, redes sociais, deixam os jovens bem esclarecidos, porém muitas vezes a qualidade do que é transmitido é precária pelas fontes coletadas não expor dados provenientes da ciência e ainda mais grave, levar conhecimento equivocado do assunto pesquisado. Com isso, os responsáveis se limitam a dar conselhos ou determinar proibições por crer que os jovens estão com acesso ao conhecimento e dessa forma discutir sobre saúde sexual não é uma realidade em muitos lares (Dias, 1999). Muitas vezes, na menina jovem o que se conversa quando chega à puberdade é explicação sobre menstruação, com mais ênfase na parte da higiene e cuidado íntimo e raramente sobre anatomia, ato sexual, métodos contraceptivos, cuidado com o corpo e mente, autoestima/autoconfiança e responsabilidade afetiva. Por muito tempo a maturidade sexual exigia dos pais e mães a postergação da atividade sexual da filha ou ainda impedi-la de iniciar a vida sexual até o casamento ao invés de orientar a filha para uma vida sexual segura e enfatizar o quanto o amor próprio deve fazer parte do seu desenvolvimento antes mesmo de qualquer relacionamento.

LIMITAÇÕES

No decorrer do estudo, a aceitação por parte dos responsáveis foi um grande empecilho para que as estudantes pudessem participar do projeto. Para alguns responsáveis, abordar sexualidade na adolescência ainda é visto como incentivo à prática sexual. E quanto às estudantes, percebe-se ainda vergonha em expor sobre as mudanças na adolescência, inclusive sobre o período menstrual, que é algo fisiológico para a mulher. Romper tabus e promover o diálogo ainda é o alvo de pesquisas que visam esclarecer que a puberdade pode ser uma fase segura e tranquila para os jovens

CONCLUSÃO

Neste estudo, exploramos as mudanças corporais significativas que as adolescentes enfrentam durante seu desenvolvimento e seu conhecimento acerca do próprio corpo, destacando a importância crucial da escola e da família no processo educativo e formativo dessas meninas.

Através da educação escolar voltada para o entendimento do corpo, meninas podem ser empoderadas a compreender e aceitar as mudanças que estão experimentando. Isso não apenas promove uma maior autoconfiança e autoestima, mas também contribui para a formação de uma visão positiva e saudável do corpo. Além disso, ao integrar conteúdos sobre desenvolvimento físico, sexualidade e saúde mental no currículo escolar, as instituições de ensino podem desempenhar um papel crucial na preparação das adolescentes para enfrentar esses aspectos da vida de maneira informada e segura.

No entanto, reconhecemos que há desafios a serem enfrentados. A implementação eficaz de programas educacionais sobre educação sexual requer não apenas recursos adequados, mas também o envolvimento ativo de educadores capacitados e sensíveis às necessidades das adolescentes. Além disso, é fundamental que esses programas sejam inclusivos e respeitem a diversidade de experiências e identidades das jovens estudantes.

Portanto, concluímos que a escola não deve ser apenas um espaço de transmissão de conhecimentos acadêmicos, mas também um ambiente de apoio e orientação integral para as adolescentes. Investir na educação sexual não apenas fortalece o desenvolvimento individual das meninas, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e empática.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, P. R.; Ohara, C. V. S.; Borba, R. I. H.; Ribeiro, C. A. Enfrentando uma experiência difícil mesmo com apoio: a adolescente menor vivenciando a maternagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 36(spe), 111-118, 2015. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.esp.56751>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/G73Vd3wgPQsj5Vp5dV68CMd/>. Acesso em 20 de maio de 2024.
- BIDARRA, Zelimar Soares; GREGORIA, Franciele Jaqueline. *Configurações da violência psicológica contra crianças e adolescentes no município de Toledo (PR)*. 2008.
- BORDINI, G.S.; SPERB, T.M. Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes. *Psicologia do Desenvolvimento. Psicol Reflex Crit.* 25 (4), 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000400013>. Disponível em: [SciELO - Brasil - Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes](https://www.scielo.br/brasil/concepcoes-de-genero-nas-narrativas-de-adolescentes). Acesso em 20 de maio de 2024.
- BARONCELLI, L. Adolescência: fenômeno singular e de campo. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 18, n. 2, p. 188-196, jul./dez. 2012. ISSN 1809-6867. Disponível em: [Adolescência: fenômeno singular e de campo](https://www.scielo.br/brasil/adolescencia-fenomeno-singular-e-de-campo). Acesso em 20 de maio de 2024
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Cor ou raça: conheça o Brasil*. 2024. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em 10 de junho de 2024
- BRASIL. **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012**: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília
- BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. *Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas*. - 2. ed. - Brasília : Ministério da Saúde, 2018.
- BUTLER, J. *Gender trouble, feminism and the subversion of identity*. New York; London: Routledge. 1990.
- BUTLER, J. *Undoing gender*. New York: Routledge. 2004.
- CARVALHO, J. B.; MELO, M.C. A família os papéis de gênero na adolescência. *Psicol. Soc.* 31, 2019. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v311168505> . Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/gNFmX6vGgKQ6gCvjQzv4CMS/>. Acesso em 10 de junho de 2024.

CHILAND, C. A construção da identidade de gênero na adolescência. *Rev. Bras. Psicanal.* Vol 48, nº4. 2014. ISSN 0486-641X. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0486-641X2014000400016>. Acesso em 20 de maio de 2024.

DIAMOND, M. Sex and gender are different: Sexual identify and gender identify are different. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 7(3), 320 - 334, 2002. <https://doi.org/10.1177/1359104502007003002>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1359104502007003002>. Acesso em 20 de maio de 2024.

DIAS, A.C.G.; GOMES, W.B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estud. psicol.* (Natal), vol. 4, pp. 79-106, Jun. 1999, doi: 10.1590/S1413-294X1999000100006. Disponível em *SciELO - Brasil - Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais* [Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais](https://doi.org/10.1590/S1413-294X1999000100006). Acesso em 10 de junho de 2024

QUARESMA, D. R. (2016). Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre a educação sexual e suas implicações. *Revista de estudos sociais* (57), 78-88. <http://dx.doi.org/10.7440/res57.2016.06>. Disponível em [Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre a educação sexual e suas implicações](https://doi.org/10.7440/res57.2016.06). Acesso em 15 de junho de 2024.

GARRETO, Regina Guimarães; SILVA, Cleine Cristina O.; SILVA, Heloísa Fernanda Vieira; COUTO, Daniela Paula. A construção da autoestima da mulher negra: gênero, racismo e autoestima. *Pretextos*, v.8, n.16, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/26114>. Acesso em 16 de junho de 2024.

HABIGZANG, Luísa, F. *et al.* **Trabalhando com Adolescentes**. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo A, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318710480_Trabalhando_com_adolescentes_Teoria_e_intervencao_psicologica. Acesso em 20 de agosto de 2024.

LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação: Das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, 46, 201-202, 2002.

<https://www.scielo.br/j/edur/a/5mdHWDNFqgDFQyh5hj5RbPD/?format=pdf>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/5mdHWDNFqgDFQyh5hj5RbPD/?format=pdf>. Acesso em 20 de maio de 2024

MIURA, P.O. et al. Adolescence, pregnancy and domestic violence: social conditions and life projects. *Rev. Bras. Enferm.* 73 (1), 2020. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0111>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/kpSZMqX43mdS3rsWNg6Qpyf/>. Acesso em 20 de maio de 2024

MIURA, P. O. *et al.* Gravidez na adolescência e as experiências da vida escolar. *Psicol. Esc. Educ.* v.27, 2023. <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-238700>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/qMgpxSVHNVqWyfrJCfRpchv/>. Acesso em 20 de maio de 2024.

PAHO. Organizacion Panamericana de la Salud. Organizacion Mundial de la Salud (OMS). **Saúde mental dos adolescentes**. Disponível em <https://www.paho.org/es/node/73019> . Acesso em 23 de maio de 2024.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento humano**. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PIRES, R.; PEREIRA, J.; PEDROSA, A.A. *et al.* Contributo de fatores individuais, sociais e ambientais para a decisão de prosseguir uma gravidez não planeada na adolescência: Um estudo caracterizador da realidade portuguesa. *Análise Psicológica*, v.1, p.19-38, 2015. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/47009>. Acesso em 15 de junho de 2024.

RUSSO, G.; TRINDADE, H.; DANTAS, J. *et al.* Quando a realidade cala: Violência psicológica intrafamiliar contra crianças e adolescentes em Mossoró- RN. *Temporalis, Brasília*, 14 (27), 159-180, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/7136>. Acesso em 18 de junho de 2024

SOUZA, M. Educação sexual deve estar no currículo, mas não substitui papel da família. *UOL Site*. Atualizado em 12 de dezembro de 2020. Acesso em 25 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/10/educacao-sexual-deve-estar-no-curriculo-mas-nao-substitui-papel-da-familia.htm>. Acesso em 20 de maio de 2024.

UNICEF. Situação das crianças e dos adolescentes no Brasil. Acesso em 02 de março de 2022. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/situacao-das-criancas-e-dos-adolescentes-no-brasil>. Acesso em 20 de maio de 2024.